



## ETNOMATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CONHECIMENTOS DA AGRICULTURA PARA A SALA DE AULA

Jefferson Dias Soares<sup>1</sup>  
Ângela Tereza da Silva Dantas<sup>2</sup>  
Francisco Djnnathan da Silva Gonçalves<sup>3</sup>

### RESUMO

Esse trabalho se refere a um estudo inicial acerca do processo de ensino e aprendizagem da Matemática diante do contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) relacionado aos educandos que são agricultores na Região Potengi, com uso do arcabouço da Etnomatemática como proposta metodológica de ensino. Tal levantamento bibliográfico se configura como um primeiro recorte de estudo a explorar a correlação entre os conhecimentos advindos da prática da agricultura familiar praticadas por esses educandos, bem como a compreensão acerca da matemática vivenciada no âmbito escolar. Neste sentido, tem-se por objetivo identificar os conhecimentos matemáticos que emergem de suas atividades laborais na agricultura. A investigação se baseia em escolas que ofertam a modalidade de ensino no município de São Paulo do Potengi/RN, nas proximidades do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Dessa forma, como contributo, espera-se que o estudo possa oportunizar o entendimento da Etnomatemática como aspecto que mobilize a relação entre o saber prático e o saber escolar, de modo a valorizar os conhecimentos da agricultura em um diálogo com os conceitos matemáticos da sala de aula.

**Palavras-chave:** Metodologia Etnomatemática, Agricultura familiar, Plano de aula.

### INTRODUÇÃO

Este escrito contempla um dos estudos desenvolvidos por integrantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que tem suas atividades realizadas no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), *Campus* São Paulo do Potengi atrelado ao Curso de Licenciatura em Matemática. As tarefas relacionadas ao PIBID iniciaram-se no segundo semestre de 2022, com o objetivo de fomentar pesquisas acerca dos fazeres docentes, seja por aspectos relativos ao planejamento, seja pela aplicação de atividades correlacionadas com uma metodologia do ensino da matemática. Assim, com o intuito de iniciação a tais pesquisas, tratou-se de compreender a Etnomatemática, principalmente para que fosse possível a inserção da teoria em conjunto com a prática, em uma sala de aula da Educação Básica. E dessa maneira, emergiu a ideia de identificar os conhecimentos matemáticos existentes em educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em especial, aos que trabalham como agricultores na Região Potengi.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - *Campus* São Paulo do Potengi (IFRN-SPP), [dias.jefferson@escolar.ifrn.edu.br](mailto:dias.jefferson@escolar.ifrn.edu.br)

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de licenciatura em matemática do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – *Campus* São Paulo do Potengi (IFRN-SPP), [angela.dantas@escolar.ifrn.edu.br](mailto:angela.dantas@escolar.ifrn.edu.br)

<sup>3</sup> Doutor em Ensino de Ciências e Matemática, professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – *Campus* São Paulo do Potengi (IFRN-SPP), [djnnathan@yahoo.com.br](mailto:djnnathan@yahoo.com.br)



Isto é, a nossa investigação se direciona para as escolas que ofertam essa modalidade de ensino em São Paulo do Potengi/RN, nas proximidades do local em que desenvolvemos nossos estudos acadêmicos da formação inicial docente.

Tal temática emergiu da necessidade de compreendermos os aspectos das metodologias de ensino que sejam propositivas para os educandos da EJA, principalmente relativo à possibilidade de oportunizar conhecimentos com mais significado e advindo de suas experiências com a agricultura. De fato, esse estudo pode servir como base para a elaboração de materiais úteis para se alcançar os objetivos de ensino e aprendizagem em salas de aulas da EJA, relacionada a Matemática, no município de São Paulo do Potengi/RN. Esse direcionamento se torna importante por percebermos que os conhecimentos prévios dos educandos dessa modalidade de ensino são esquecidos pelos docentes, de modo que o ambiente escolar passa a ser algo que desfavorece a construção de sentido e significado para seus cotidianos (CAMPOS; RAMOS & LIMA, 2015).

Neste contexto, pautados no reconhecimento de que os educandos da EJA trazem consigo elementos essenciais de suas experiências, que estruturam o percurso a ser seguido nas salas de aula, tendo por base os conceitos matemáticos emergentes das práticas na agricultura. E ao oportunizar um olhar acerca dos conhecimentos prévios dos envolvidos, em uma perspectiva, que leve em consideração as atividades que estes desempenham ou que tem familiaridade, neste caso a agricultura, propiciamos um ambiente que traz significado aos conhecimentos matemáticos vistos em sala de aula. Assim, torna-se possível a integração entre as informações de cunho experiencial e a formalidade do ambiente escolar, sem contrapor os aspectos culturais, mas o favorecendo como possibilidade de assimilação dos conceitos advindos das relações cotidianas.

Ressaltamos que esse escrito advém dos estudos do primeiro trimestre como integrantes do PIBID, cuja investigação se direciona aos possíveis contributos para o ensino de matemática, em específico, para ensinar os conceitos matemáticos na EJA, a partir dos aspectos relativos à agricultura familiar. Essa ideia emergiu com a seguinte inquietação: Que conhecimentos matemáticos os educandos da EJA trazem para a sala de aula, tendo por base a sua vivência cotidiana? Isto é, para compor o cenário investigativo, integramos a importância da vida dos indivíduos, seja relativo ao trabalho exercido, seja direcionado a apropriação dos conceitos matemáticos da sala de aula. Ao responder tal questionamento, com a devida justificação com outras pesquisas (FANTINATO, 2004; FONSECA, 2002; Gerd es, 2007; Oliveira, 1999) buscamos elaborar uma proposta de intervenção, a ser executada, a priori, em turmas da EJA.

Destacamos que o escrito se constitui em um primeiro levantamento bibliográfico, com um esboço acerca da correlação entre os educandos da EJA e os possíveis conhecimentos advindos da agricultura que possam subsidiar o entendimento da matemática escolar. A seguir, apresentamos as principais informações que se desdobram na organização desta pesquisa.

## **METODOLOGIA**

Para este estudo utilizamos uma estrutura simples que se direciona para os moldes de uma pesquisa qualitativa, com a configuração descritiva de produções acadêmicas chanceladas pelos pesquisadores brasileiros sobre a temática. De fato, os pressupostos assumidos para o desenvolvimento dessa pesquisa se estabeleceram sob a ótica de três aspectos, a saber:

1) *preparação* que constituiu por meio de levantamento de referenciais acerca da temática, com informações advindas de artigos científicos, periódicos, dissertações, teses, entre outros. A ideia se constituiu em um processo que culminaria na obtenção, em primeiro lugar, no significado da etnomatemática como tendência metodológica para o ensino da Matemática, além das possíveis relações existentes com o contexto dos conhecimentos prévios dos educandos da EJA, oriundos de ambientes que utilizam a agricultura como elemento para renda ou alimentação familiar;

2) *seleção* dos materiais que pudessem ser úteis, tanto para a escrita deste artigo, quanto para a elaboração da proposta a ser executada com os educandos da EJA. Para tanto, torna-se significativo o entendimento de quatro definições que geraram o percurso que assumimos no escrito, como a Etnomatemática, a agricultura familiar, a escola (educação formal), além da Educação de Jovens e Adultos (EJA); e

3) *análise* que contemplou as possibilidades de estudos e pesquisas para a organização de um material a ser utilizado com os educandos da EJA. Ressalta-se que as considerações expostas aqui, emergiram de uma sondagem nas escolas de São Paulo do Potengi/RN que ofertam essa modalidade, bem como em visita a documentos disponibilizados em redes sociais (fotografias e descrições de projetos executados por docentes que lecionam na EJA do município supracitado). Assim, quando finalizarmos estes estudos, apresentaremos uma proposta interventiva, que recai em um planejamento de aulas a serem mobilizadas pelo uso da metodologia de ensino denominada Etnomatemática, principalmente para evidenciar os conceitos matemáticos formais com elementos do contexto cultural dos educandos agricultores que se destina aos preceitos de uma matemática não-formal.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Ao observar os espaços rurais, percebemos a ocorrência de práticas relacionadas à realização de cálculos, tanto direcionada para o entendimento de um perímetro ou área, quanto para os volumes e distâncias entre lotes de terras - demarcações. Contudo, essas atividades contrapõem as idealizações de um ambiente escolar formal, principalmente em termos dos saberes que advém da cultura e foram incorporadas por gerações. Esse contraponto, observado, se relaciona ao fato de alguns agricultores utilizarem tais informações, mesmo sem uma escolarização suficiente que os capacitem a realizar tais medições e cálculos (SANTOS OLIVEIRA; RIBEIRO, 2018). Estes desenvolvem suas tarefas, usufruindo de uma outra fonte de conhecimento, proveniente do saber prático do campo e do mundo do trabalho, saber este que está ligado ao seu modo de vida, ou seja, um conhecimento construído e partilhado culturalmente entres esses grupos.

Uma vez desse modo, identifica-se que mesmo não possuindo os conhecimentos matemáticos vivenciados no contexto escolar e muito menos havendo formação para tal, estes possuem conhecimentos experienciados na agricultura que dialogam com os saberes evidenciados na educação formal. Assim, conforme sinaliza Gerdes (2007), as relações culturais que tangem os indivíduos possuem também relações entre as ideias e conceitos matemáticos. Nota-se então, que não é necessário um nível escolar para desenvolver matemática no contexto cotidiano dos agricultores, sendo que a própria realidade se encarrega do aprimoramento de técnicas, estratégias e instrumentos para o manejo com a terra ou a criação de quaisquer animais.

Em consonância com as ideias de Gerdes (2007), o pesquisador D'Ambrosio (2007) assegura que:

Todo indivíduo vivo desenvolve conhecimento e tem um comportamento que reflete esse conhecimento, que por sua vez vai se modificando em função dos resultados do comportamento. Para cada indivíduo, seu comportamento e seu conhecimento estão em permanente transformação, e se relacionam numa relação que poderíamos dizer de verdadeira simbiose, em total independência. (D'AMBROSIO, 2007, p. 18).

De fato, tal argumentação em que todo ser humano por si só desenvolve determinada forma conhecimento, configura-se em um momento que o saber emerge a partir de seu comportamento, na mesma instância que se modifica o conhecimento e vice-versa. Neste contexto, ao considerar que o conhecimento, mais especificamente relativo à matemática, se

configura como um conjunto de saberes que pode ser construído, a partir de uma dada cultura e das possíveis experiências que emergem ao pensar relacionado a Etnomatemática.

Para compreendermos essa denominação, recorremos ao pesquisador D'Ambrosio (1998, p. 9), que expõe o termo “Etnomatemática” definido como “a arte ou técnica (techné = tica) de explicar, de entender, de se desempenhar na realidade (materna), dentro de um contexto cultural próprio (etno)”. Posteriormente, em acréscimo a tal organização da definição, emerge a pesquisadora Fantinato (2004, p. 92), que estabelece um olhar acerca da Etnomatemática como “os processos de produção do conhecimento matemático, ou seja, investiga não apenas os saberes de um dado grupo cultural como suas formas de construção”.

A partir do pensamento em torno da Etnomatemática, direcionamos a nossa atenção para os educandos da EJA, de modo a identificar os conhecimentos matemáticos existentes, em especial, aos que trabalham como agricultores na Região Potengi. A ideia dessa identificação recai na organização de uma proposta para a intervenção em sala de aula, que leve em consideração a construção de contextos advindos do local de trabalho ou até mesmo de moradia (FANTINATO, 2004). Destaca-se que a EJA se estabelece, a partir do documento oficial brasileiro, especificamente, no Art. 37 da Lei nº 9394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Isto é, a “Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida” (BRASIL, 1996).

Em outras palavras, ao contemplar estudos acerca da EJA, subsidiam o entendimento que tal público vivenciaram momentos contraditórios, nos aspectos de oportunidades para prosseguir com seus estudos ou mesmo que não tiveram condições de frequentar os ambientes escolares em sua idade regular. Assim, além de oportunizar um espaço que possa suprir com as demandas relativas ao tempo de ociosidade pelos mais variados motivos, torna-se essencial que os envolvidos permaneçam de forma mais propositiva e que os docentes possam usufruir de metodologias de ensino adequadas para o desenvolvimento de cada um desses educandos.

Nesta direção, Fonseca (2002) afirma que,

os trabalhos, atividades e/ou conteúdos não apenas trazem uma análise da relevância social do conhecimento matemático, como também enfatizam a responsabilidade das escolhas pedagógicas que devem evidenciar essa relevância na proposta de ensino de matemática que se vai desenvolver, contemplando-se problemas significativos para os alunos, ao invés de situações hipotéticas, artificiais e enfadonhamente repetitivas, forjadas tão-somente para o treinamento de destrezas matemáticas específicas e desconectadas umas das outras e, inclusive, de seu papel na malha do raciocínio matemático (FONSECA, 2002, p. 50).

Assim, deve-se ter o cuidado com a formação desses educandos que possuem perfis distintos daqueles que frequentam o ensino regular. Por essa razão, pode-se compreender que é fundamental considerar no âmbito do ensino os saberes trazidos das experiências, seja a partir do ambiente de trabalho, seja dos momentos culturalmente estabelecidos em suas comunidades. Isto é, como assegura Oliveira (1999):

o adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um modo diferente daquele da criança e do adolescente. Traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre outras pessoas (OLIVEIRA, 1999, p. 3).

De fato, ao considerar o contexto estabelecido para o ensino de Matemática na EJA, torna-se essencial que existam momentos diferenciados dos moldes tradicionais, com vistas a evidenciar situações que esboçam significados aos envolvidos, ou seja, com procedimentos que relacionam o fazer prático com aqueles conhecimentos apresentados pelos docentes em suas aulas. Destaca-se que a organização dessa investigação reconhece o ambiente escolar, especificamente da EJA, como espaço para o desenvolvimento de ideais que podem ser configurados por uma metodologia de Etnomatemática. Não se esboça, neste sentido, com um pensamento acerca de um diálogo que matematize a prática, mas que possa colaborar com as ações da sala de aula em direção aos conhecimentos formalizados da disciplina Matemática.

A seguir, sinalizamos as principais ideias que estruturaram essa investigação, permeada pela representação do percurso estabelecido até o momento desse escrito.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em busca de sinalizar uma proposta para os docentes que lecionam Matemática na EJA, tendo por base, a organização dos possíveis conteúdos advindos das experiências dos educandos na agricultura, emergiu o documento que denominamos de *Plano de Aulas*. A ideia estabelecida, reconhece a importância da observação do contexto cultural que possibilita a construção de conhecimentos, não formais, além de procedimentos em torno da prática dos agricultores que estudam na EJA. Assim, como um dos conteúdos emergentes da pesquisa, contempla os aspectos relacionados a geometria plana, com o direcionamento para as medições de terras com finalidade, a priori, para a plantação de feijão e milho.

Neste sentido, a seguir, apresentamos o Quadro 1, que expõe uma proposta de planejamento, com ênfase na utilização da metodologia de Etnomatemática para a apresentações dos conceitos relacionadas a geometria plana.

**Quadro 01** – Planejamento de aulas com o uso da Etnomatemática

<b>Identificação do plano</b>	<b>Instituição:</b> <b>Disciplina:</b> Matemática <b>Docente:</b> <b>Data da realização:</b> <b>Tempo de execução:</b> 8 horas/aulas <b>Público-alvo:</b> 8º e 9º anos (EJA – Fundamental)
<b>Tema</b>	O planejamento para o plantio em época de chuvas na Região Potengi.
<b>Conteúdo</b>	Geometria Plana – área e perímetro
<b>Objetivo geral</b>	Compreender os conceitos geométricos advindos das representações e contagem das covas durante o plantio de feijão e milho na RegiãoPotengi.
<b>Objetivos específicos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observar o espaço de realização do plantio e o quantitativo de sementes a serem inseridas em cada cova;</li> <li>• Entender a representação do espaço utilizado como área demarcada;</li> <li>• Explorar os aspectos relativos aos possíveis cálculos das figuras que emergirem durante o plantio.</li> </ul>
<b>Metodologia</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Momento:</b> a aula tem início a partir da visitação de um sítio/fazenda/granja de um educando da turma, com o aspecto direcionado a observação de uma atividade da agricultura (plantio). Neste contexto, mencionam-se alguns questionamentos aos educandos acerca do significado da agricultura para a vida, além das possíveis relações que possam existir com a Matemática.</li> <li>2. <b>Momento:</b> a preparação e organização dos significados observados durante a conversa com um agricultor. Em seguida, para o registro, a turma será dividida em equipes, contendo entre 5 a 6 participantes, de modo que possam sinalizar na escrita, os procedimentos realizados para a organização do plantio.</li> <li>3. <b>Momento:</b> a discussão do que foi observado por cada um das equipes, principalmente para exploração das ideias direcionadas aos possíveis cálculos que foram realizados para o plantio.</li> </ol>
<b>Recursos didáticos</b>	Folhas A4, Lápis, Borracha, Caneta e Material para medição
<b>Avaliação</b>	A avaliação ocorrerá a partir da participação dos envolvidos, em especial, aos questionamentos feitos ao proprietário da terra, nos diversos aspectos, a saber: quantitativo de terra para o plantio, fragmentos históricos, ideias expostas sobre outros plantios, observação do que foi produzido, posicionamento e defesa de sua observação, entre outros fatores que possam oportunizar o pensamento das técnicas utilizadas pelo agricultor durante o plantio.
<b>Referências</b>	Como aparato que possa referenciar as escolhas para a realização das aulas nessa metodologia de ensino, indicamos os escritos dos pesquisadores que discutem os aspectos da Etnomatemática.

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2023).



A elaboração do quadro 1 contempla uma primeira organização para a execução de aulas com a metodologia Etnomatemática. Destaca-se que o planejamento se direciona ao conhecimento geométrico que os educandos utilizam em suas práticas cotidianas, sem que o docente exponha durante a visitação quaisquer conceitos formais. Isso porque, os educandos devem perceber a relação entre os conteúdos matemáticos e o plantio, com ênfase aos significados advindos de sua bagagem cultural, construído por gerações. O respeito com a cultura dos envolvidos possibilita o elo entre os aspectos informais e, posteriormente, com os formais.

De fato, pensar em um ambiente que oportunize o conhecimento das práticas estabelecidas pelos educandos da EJA, pode significar um melhor envolvimento nas atividades realizadas em sala de aula. Neste sentido, apoiado em D'Ambrosio (2008), os pesquisadores Pinheiro e Costa (2016) afirmam:

para o trabalho com a etnomatemática é importante que sejam observadas as práticas dos grupos culturais e analisar o porquê dessas. Assim, trabalhar a etnomatemática no espaço escolar é contribuir para que as novas gerações de indivíduos conheçam e reconheçam uma matemática muito mais cultural, ligada ao cotidiano de diversos grupos étnicos. Portanto, levar a etnomatemática como proposta pedagógica é preferir a ideia de se estudar somente para passar de ano, e sim criar metodologias pedagógicas nesse campo de conhecimento que vá além da sala de aula (PINHEIRO & COSTA, 2016, p. 17).

E esse contexto leva-nos ao conhecimento sociocultural que propicia o entendimento de que o processo de aprendizagens não se refere ao pronto e acabado, mas ao reconhecimento de que quaisquer espaços podem servir como aparato para a assimilação dos conceitos matemáticos. Isto é,

Neste contexto pedagógico da etnomatemática, o indivíduo deverá ser estimulado a compartilhar os seus saberes no ambiente escolar, pois estes indivíduos trazem conhecimentos prévios, experiências vividas no seu cotidiano e de como lidar e aplicar no seu dia a dia. É importante salientar que a etnomatemática deve ser observada, discutida pelo indivíduo para que o mesmo possa reconhecê-la como uma aliada no processo de aprendizado, na qual este sujeito seja um agente transformador deste instrumento pedagógico, não somente no ambiente da escola, mas principalmente na sua própria comunidade (PINHEIRO & COSTA, 2016, p. 21).

Ressalta-se que a estrutura esmiuçada não corresponde em desenvolver uma matemática formal na comunidade em que os educandos vivenciam suas experiências com o plantio, mas de compreender os saberes utilizados como subsídios para reconhecer quaisquer informações no ambiente escolar. A ideia não contempla a exclusão dos conceitos das práticas, mas de fazer



um elo entre a cultura e o modo de internalizar os conteúdos matemáticos discutidos em sala de aula, ou seja,

Esta perspectiva de proporcionar ao sujeito os fenômenos que o cercam a etnomatemática possibilita estas questões, pois questionamentos, temas ligados ao contexto dos indivíduos e suas práticas matemáticas vivenciadas e realizadas por eles mesmos que de alguma forma e habilidades que constrói essas práticas de saber fazer cálculos, medições, utilizações de figuras geométrica precisas, em suas comunidades, que lhe foram ensinadas por seus antepassados. Estes conhecimentos são cruciais para que os sujeitos dos espaços escolares possam dinamizar estas construções de saberes. A etnomatemática é um caminho pedagógico que pode trazer uma satisfação maior na matemática e diminuir obstáculos que muitos alunos encontram na convivência escolar. Esta perspectiva de vencer os obstáculos faz com que a etnomatemática possibilite estas ações como prática pedagógica (PINHEIRO & COSTA, 2016, p. 24).

Assim, o docente nutre o pensamento dos educandos com a própria realidade, com discussões em torno dos saberes de suas práticas e os possíveis entendimentos conceituais, de modo a possibilitar uma reflexão acerca do que vivenciam, além de confirmar algumas das técnicas utilizadas como elementos essenciais para o desenvolvimento compreensivo dos conteúdos matemáticos estudados em sala de aula. A esse respeito, ao

Estimular essas discussões dos saberes etnomatemáticos e fazer com que os indivíduos possam sentir-se acolhidos no ambiente da escola, respeitar suas características culturais, onde esses saberes auxiliarão os docentes a conhecer e dinamizar estes conhecimentos entre os próprios alunos. Pois estes espaços escolares coexistem os mais variados comportamentos, culturas e saberes (PINHEIRO & COSTA, 2016, p. 25).

E essa forma de lidar com os indivíduos em sala de aula, propicia o processo de valorização de suas realidades, com sujeitos que participam ativamente, interessados assim, na interlocução entre a comunidade em que vivem e a escola. Isto é, a Etnomatemática contempla os aspectos de uma dada cultura, desmistificando os olhares, com considerações que compreende o ambiente de moradia como algo que contribui para o processo de aprendizagens dos conceitos matemáticos, idealizados nos currículos da Educação Básica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos primeiros estudos que evidenciamos como bolsistas do PIBID, elencamos como prerrogativa inicial, o desenvolvimento de um levantamento acerca da Etnomatemática como metodologia de ensino. Na sequência, permeado pela curiosidade de entender como essa estrutura para o processo de aprendizagens poderia ser útil aos educandos da EJA. Neste

sentido, emergiu a investigação para a elaboração de uma proposta de intervenção, pautada no uso dessa metodologia, com vistas a possibilitar um esboço acerca da correlação entre os integrantes da EJA e os possíveis conhecimentos advindos da agricultura que possam subsidiar o entendimento da matemática escolar. Salientamos que, mesmo incipiente, os primeiros levantamentos nos direcionaram a importância do uso dessa metodologia para acomodar os conceitos relativos à geometria plana (cálculos para o plantio, período de descanso da terra, quantidades de covas a serem produzidas, além da inserção dos grãos).

Reconhecemos que a organização de um cenário para compreender os aspectos da Etnomatemática, com as considerações em torno das práticas relacionadas a agricultura, pode promover contribuições significativas para o ensino da Matemática, em especial para os educandos da EJA. E ao oportunizar um olhar para os afazeres cotidianos, torna-se evidente a valorização dos saberes de uma dada cultura, ao mesmo tempo, que dialoga com o contexto direcionado aos conhecimentos de uma matemática formalizada no ambiente de uma sala de aula.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

CAMPOS, A. P.T. RAMOS, E. S.; LIMA, F. B. S. **A importância da valorização do conhecimento prévio do estudante na educação de jovens e adultos**. Universidade de Brasília, 2015.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: a arte ou técnica de explicar e conhecer**. 4.Ed. São Paulo: Ática, 1998.

D'AMBROSIO, U. **O Programa Etnomatemático: uma síntese**. Acta Scientia, v.10, n.1, jan/jun, 2008.

FANTINATO, M. C. D. C. B. **Contribuições da etnomatemática na educação de jovens e adultos: algumas reflexões iniciais**. Caderno dá licença, dez. 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 35. Ed. São Paulo: Paz e terra, 1999.

GERDES, P. **Etnomatemática: reflexões sobre matemática e diversidade cultural**, Ribeirão: Ed. HÚMUS, 2007.

OLIVEIRA, F. L. S. **Etnomatemática e agricultura: uma análise do contexto cultural de agricultores de terra nova – Pe**. Anais V CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2018.

OLIVEIRA, M. K. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Revista brasileira de educação, n. 12, p. 59-73, set/dez, 1999. 1 mar. 2023.



PINHEIRO, D. R.; COSTA, W. C. L. A etnomatemática como ferramenta pedagógica no contexto escolar. **Anais II Jornada de Estudos em Matemática**, Marabá/PA, 2016.

PRANKE, A.; FRISON, L. M. B.; FONSECA, M. S. **Etnomatemática do contexto agrícola: elaboração e resolução de problemas de matemática**, Florianópolis, v. 15, p. 01-17, 2000.